

O ETERNO DECLÍNIO  
E QUEDA DE ROMA

EDWARD J. WATTS

# O ETERNO DECLÍNIO E QUEDA DE ROMA

*A chave para compreender o mundo atual*

Tradução de  
JOAQUIM GAFEIRA E MARTA PINHO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2023

## ÍNDICE

Agradecimentos .....	11
Mapa do Império Romano na sua maior extensão, no século II .....	14
Introdução: Um instantâneo e uma história .....	17
1. Declínio da República de Roma .....	27
2. A república da violência e o império da paz .....	39
3. Fabricar a Era Dourada de Trajano .....	56
4. Renovação sem declínio: os antoninos e os severos .....	70
5. Declínio e falsa renovação: a Crise do Século III .....	87
6. Declínio, renovação e a invenção do progresso cristão .....	105
7. Renovação romana <i>versus</i> progresso cristão .....	121
8. Quando a renovação não acontece .....	134
9. A perda do Ocidente romano e o futuro cristão .....	150
10. Justiniano, o progresso romano e a morte do Império Romano do Ocidente .....	170
11. Roma, os árabes e o iconoclasmo .....	192
12. Velha Roma, nova Roma e futura Roma .....	213
13. O acantonamento de um império romano e a ressurgência de outro .....	232
14. As tomadas de Constantinopla .....	250
15. A queda da Constantinopla romana e o fim da renovação de Roma	269

16. A renovação de Roma depois da queda .....	284
17. Uma ideia perigosa .....	309
Conclusão: O declínio e a queda de Roma na América Contemporânea	325
Notas .....	337
Índice remissivo .....	383

## 1. DECLÍNIO DA REPÚBLICA DE ROMA

Em alguns dos primeiros textos literários em latim que chegaram até nós aparecem já discussões sobre o declínio de Roma. *Trinummus* (ou *As Três Moedas*), uma peça escrita pelo dramaturgo romano Plauto por volta de 190 a. C., troça dos romanos preocupados com a degeneração moral causada pela crescente riqueza.<sup>1</sup> A peça abre com uma alegoria em que a divindade Luxúria ordena à sua filha Pobreza que entre na casa de um homem cujos gostos extravagantes depararam o seu património.<sup>2</sup> Megarónides, a primeira personagem mortal a aparecer na peça, explica que as palavras da deusa refletem «uma doença que atacou os bons costumes», «alguns homens» «sobrepõem-se aos interesses públicos ou privados» «e acabam por causar impedimento, quer ao bem privado, quer ao público»<sup>3</sup>. Estas críticas parecem sérias, mas, à medida que a peça se desenrola, Megarónides e um conjunto de outras personagens importunas tornam-se, nas palavras de um comentador moderno, «pedantes morais» e «idiotas pomposos e arrogantes»<sup>4</sup>. Plauto sabe que o seu público terá ouvido afirmações deste género e quer que ele veja que se trata de devaneios absurdos de pessoas idiotas.

Uma comédia como esta funciona, porque troça de ideias importantes. Muitos romanos das décadas de 190 e 180 a. C. sentiam, de facto, que a extravagância e a procura de luxos estavam a

conduzir Roma para a ruína. Esta perspectiva advinha, em parte, do modo como essas extravagâncias tinham subitamente aparecido em Roma após duas décadas de austeridade e carência causadas pela guerra contra Aníbal. O longo e violento conflito com Cartago na Segunda Guerra Púnica criou duas gerações de heróis romanos. Roma sobreviveu à invasão de Itália por parte de Aníbal graças às políticas calculadas de líderes estabelecidos como Fábio Máximo. Estes homens criaram leis sumptuárias, pregaram a frugalidade, fugiram aos primeiros ataques de Aníbal e, gradualmente, reduziram os ganhos dele em Itália.

A velha guarda salvou Roma de Aníbal, mas o jovem general Cipião Africano provocou a derrota definitiva de Cartago. Figura incrivelmente carismática e controversa, Cipião lançou a sua carreira vencendo a eleição para uma série de cargos que tecnicamente era demasiado jovem para ocupar.<sup>5</sup> Fortalecido por um forte apoio popular, Cipião rompeu descaradamente com a estratégia de generais mais velhos que tinham salvo Roma de Aníbal. Assumiu a guerra contra os cartagineses, alcançando vitórias primeiro em Espanha e depois no Norte de África. A rápida ascensão política de Cipião e os modos nada convencionais como ele assegurou os cargos despertaram a hostilidade inicial da geração mais velha de líderes, mas estes invejavam sobretudo a riqueza que Cipião trazia de África e o modo público como a gastava.<sup>6</sup>

Recheado de saques do Norte de África, o arrojado Cipião regressou à capital como o romano mais rico da história. Durante a guerra com Aníbal, a República restringira legalmente a posse de bens de luxo e as manifestações de riqueza. A imagem pública de Cipião excitava os romanos que estavam cansados da frugalidade da economia em tempo de guerra, tanto que, em 195 a. C., a *Lex Oppia*, o último limite legal aos gastos dos romanos, foi revogada, após um debate público.<sup>7</sup> Cipião também sabia muito bem como usar a sua riqueza para manter a popularidade. Recompensou os seus trinta e

cinco mil soldados com um saque equivalente a quatro meses de salários militares e meio hectare de terra em Itália.<sup>8</sup> Até pagou jogos sumptuosos e uma série de monumentos públicos em honra das suas vitórias militares. O mais evocativo era um aparatoso arco com sete estátuas douradas que Cipião erigiu no Monte Capitolino, em Roma.<sup>9</sup>

A generosidade de Cipião ajudou a desencadear uma corrida às armas através das quais a elite romana usava as suas riquezas para fortalecer a sua imagem pública. Os soldados esperavam receber bónus dos seus comandantes mesmo que tivessem tido apenas uma pequena vitória.<sup>10</sup> Os jogos tornaram-se maiores e mais imponentes. Um espetáculo memorável de gladiadores de 200 a. C. teve vinte e cinco pares de lutadores. Em 183, outro espetáculo semelhante exigiu sessenta.<sup>11</sup> Alguns oficiais romanos que regressavam também patrocinavam obras públicas mais grandiosas. Na década de 180 a. C., os comandantes não só decoravam templos já existentes com despojos de guerra, como construíam novos.<sup>12</sup> Até os jantares e banquetes, que eram muitas vezes abertos a selecionados membros do público, se tornaram tão opulentos que, em finais da década de 180 a. C., podiam estender-se por vários dias e encher o Fórum de convidados reclinados.<sup>13</sup>

Talvez nada resuma melhor este momento do que a procissão triunfal encabeçada em março de 186 a. C. por Cneu Mânlio Vulcão após a sua vitória sobre o reino grego dos selêucidas.<sup>14</sup> O historiador Tito Lívio descreve como ele «trouxe para Roma, pela primeira vez, divãs de bronze, colchas ricas, tapetes, outros tecidos e [...] mesas com pedestais». Os escravos que ele capturou também mudaram os banquetes romanos. Os convidados passaram rapidamente a estar à espera de refeições elaboradas preparadas por chefes talentosos, servidos por empregados atraentes e acompanhados por «raparigas que tocavam harpa, cantavam e dançavam». Todas estas tarefas eram feitas por criados romanos, mas agora esses «servos passaram a ser admirados como arte»<sup>15</sup>.

Estas mudanças desorientadoras aconteceram muito rapidamente. No espaço de uma geração, o fluxo de dinheiro e escravos gerado pelas guerras de Roma mudou a concorrência política. Políticos estabelecidos que eram demasiado velhos para comandar uma dessas campanhas lucrativas não tinham esperança de igualar a glória, a riqueza e a popularidade de homens de sucesso mais jovens. Podiam, contudo, contrapor a sua suposta fidelidade às virtudes genuínas e tradicionais romanas à devoção faustosa ao luxo que os seus rivais mais jovens mostravam. A crítica mais forte que poderiam fazer a esta nova ordem social destacava a sua rutura com um passado idealizado.

Plauto fazia pouco deste tipo de moralização. Algumas pessoas de quem ele troçava eram, de facto, fanfarrões velhos, grosseiros e facilmente dispensáveis como Megarónides. Mas nem todos. A pessoa que melhor articulou a ideia do rápido declínio moral que afligia Roma foi Marco Pórcio Catão.<sup>16</sup> Embora hoje seja lembrado como o mesmo tipo de velho rabugento de quem Plauto troça, passou uma imagem muito diferente nas décadas de 190 e 180 a. C. Catão estava então no pico das suas capacidades retóricas e destacou-se como um dos políticos mais influentes da República, tendo decidido combater o declínio moral que via assolar Roma.

Foi uma jogada cínica. O próprio Catão beneficiara com um lucrativo comando em Espanha após a conclusão do seu consulado, em 194 a. C.<sup>17</sup> Catão também percebeu como poderia usar os seus consideráveis dons retóricos para tirar proveito do mal-estar criado por mudanças surpreendentes que afetavam a vida no início do século II a. C. Ele já se posicionara como protetor dos valores romanos tradicionais ao argumentar contra a revogação da *Lex Oppia* em 195 a. C., mas os seus ataques aos novos homens elegantes de Roma tornaram-se cada vez mais ferozes com o tempo. Estes homens possuíam, alegava Catão, uma ganância que «incluía todos os vícios, de tal modo que quem fosse considerado

extravagante, ambicioso, elegante, depravado ou inútil recebia elogios»<sup>18</sup>. Catão atacava os romanos agora atentos à moda por romperem com um passado em que uma pessoa se vestia simplesmente para «cobrir a sua nudez» e em que «pagava mais por cavalos do que por cozinheiros». Era uma época em que «a arte poética não era estimada e, se alguém lhe fosse dedicado ou se frequentasse banquetes, era chamado de rufião»<sup>19</sup>.

Catão não atacou somente a viragem romana para o consumo de ostentação. Outro aspeto da vida romana no início do século II a. C. também atraiu a sua ira. Catão via o crescente envolvimento de Roma com o mundo grego como uma ameaça para a cultura romana e latina que ele idealizava. Os seus ataques xenófobos exageravam o impacto dos gregos em Roma. Na sequência de uma série de vitórias romanas no Oriente, no século II a. C., os gregos chegariam como escravos. Um número relativamente baixo de filósofos, professores de retórica e doutores gregos fora para Roma, mas eram precisamente estes gregos de elevado estatuto e visibilidade que eram o alvo de Catão. Catão dizia que os gregos «irão corromper tudo» em Roma e previa que os romanos perderiam o seu império quando comessem a ser «infetados pela literatura grega»<sup>20</sup>.

Catão usava esta retórica perniciosa para sustentar uma série de políticas reacionárias. Quando se candidatou a censor em 184 a. C., «proclamou que a cidade precisava de uma drástica purificação» através da qual ele poderia «eliminar e cauterizar o luxo e a degeneração da época»<sup>21</sup>. Esta mensagem de declínio moral e a promessa de um regresso radical a um passado romano mais virtuoso projetaram Catão para o cargo.

Catão usou então o pretexto da renovação moral para atacar os seus inimigos. Expulsou senadores e sancionou cavaleiros romanos que, alegava ele, tinham caído na degeneração. Entre eles estava um homem chamado Manlius, que Catão expulsou do

Senado por ele ter sido visto a beijar apaixonadamente a mulher enquanto caminhava com ela e a filha em plena luz do dia.<sup>22</sup> Catão expulsou o irmão de Cipião Africano da ordem equestre, porque não gostava dele. Também ordenou uma avaliação do valor de todas as roupas, carruagens, joias de mulheres, móveis e objetos de prata de romanos abastados. Esses objetos, que valiam mais de quinhentos denários, um número arbitrário que Catão definira, foram depois classificados como valendo dez vezes mais e taxados em conformidade.<sup>23</sup>

Mais tarde, Catão concentrou-se em purgar Roma das influências gregas decadentes e perigosas que ele dizia ameaçarem corrompê-la. Para esse fim, censurou publicamente Cipião Africano pelos hábitos gregos que adotara enquanto estivera na Sicília e mais tarde apoiou medidas que expulsaram os filósofos gregos da cidade.<sup>24</sup> Chegou até a fazer pressão para deportar o embaixador ateniense e filósofo platônico Carneades após este ter dado uma palestra sobre a justiça que desagradou a Catão.<sup>25</sup>

Os romanos tiveram reações diversificadas às políticas de Catão. Os que acreditavam que a ganância, o luxo excessivo e a influência estrangeira tinham prejudicado Roma aplaudiam as medidas radicais que o censor apoiava. Até erigiram uma estátua em sua honra com a inscrição «quando o Estado romano se afundava na decadência, ele tornou-se censor e, graças à sua sensata liderança, disciplina e orientação, regressou ao caminho correto»<sup>26</sup>.

A história de Catão da decadência romana seduziu alguns romanos, mas a realidade da sua renovação moral horrorizava muitos outros. Os adversários abastados repeliram de forma agressiva os seus apelos a uma reforma e até convenceram um magistrado amigo a processar Catão por má administração após o seu mandato chegar ao fim.<sup>27</sup> A República do início do século II a. C. era robusta o suficiente para pôr fim às partes mais intragáveis do programa de Catão.

As partes do programa de Catão que não foram rapidamente revertidas envelheceram bastante mal. Os seus ataques contra professores e doutores gregos pareciam disparatados aos olhos de gerações posteriores. No século I a. C., quase todos os pensadores políticos mais importantes tinham abraçado uma ou outra forma de filosofia grega. No grupo destes filósofos romanos formados por gregos contavam-se portentos do final da República como Cícero e Bruto, mas o mais notável de todos foi o bisneto do próprio Catão (muitas vezes conhecido como Catão, *o Jovem*), um homem que se definia pela sua devoção à filosofia estoica.<sup>28</sup> Três gerações depois, nem a sua família continuava a abraçar o anti-helenismo xenófobo de Catão.

Embora as ideias de Catão para uma renovação romana tenham morrido, a sua alegação mais ampla de que a ganância e o luxo corrompiam Roma perduraram mais de um século e meio. Por um lado, ele tinha razão. O Estado romano em expansão rápida delegou tarefas administrativas como a cobrança de impostos em grande parte do seu território conquistado à volta do Mediterrâneo. Esta decisão recompensou abundantemente os empreendedores que viram as oportunidades financeiras que aqueles contratos geravam.<sup>29</sup> Até Catão entrou no jogo. O crítico da excessiva riqueza de Roma acabou por «comprar piscinas, fontes termais, lugares dados a pisoadores, obras de minas e terra com pastagens naturais e florestas», ao mesmo tempo que organizava parcerias de investidores que apoiavam as operações comerciais de cinquenta navios.<sup>30</sup> Outros romanos menos empreendedores ou com piores conhecimentos eram deixados para trás.

Este fosso de riqueza alimentou a crescente frustração popular com a República, que políticos ambiciosos começaram a capitalizar. Nenhum falou mais ferozmente contra o declínio económico das classes pobre e média do que Tibério Graco. Neto de Cipião Africano, o general que derrotou Aníbal, e sobrinho do Cipião que

destruiu Cartago em 146 a. C.,<sup>31</sup> Tibério concorreu a tribuno dos plebeus em 134 a. C. Este cargo era perfeito para um reformador ambicioso. Em épocas anteriores, os tribunos usavam os seus poderes para proteger os mais fracos das perseguições legais e políticas dos bem-nascidos. Tibério sabia como fazer uma campanha de sucesso entre a ira e o mal-estar que a crescente desigualdade de riqueza criara.

Tibério contou uma história. O seu irmão Gaio escreveria mais tarde que ele ficou horrorizado ao ver uma região rural outrora salpicada de pequenas quintas de cidadãos romanos livres e que agora estava cheia de grandes propriedades e pastagens cuidadas por escravos bárbaros.<sup>32</sup> Estas propriedades tinham crescido em violação da lei, pois os homens ricos usavam nomes fictícios para alugar grandes quantidades de terra pública que dantes estava disponível para pequenos agricultores.<sup>33</sup> Os apoiantes de Tibério conseguiam apontar consequências claras destes desenvolvimentos. «Bandos de escravos estrangeiros, com a ajuda dos quais os ricos cultivavam as suas propriedades», tinham «afugentado os cidadãos livres» cujo serviço militar dera a Roma o seu império.<sup>34</sup> A desimpedida corrupção dos novos-ricos romanos oprimia os pobres e prejudicava a prontidão militar de uma República que dependia de soldados cidadãos fortes e entusiasmados.

A evocação de Tibério de um ideal agrário perdido inflamou a fúria de cidadãos romanos que sentiam que a revolução económica do século II a. C. os deixara para trás. Muito pouco daquilo que Tibério descrevia era verdade. Os achados arqueológicos mostram que as regiões rurais de Itália nem estavam abandonadas, nem cheias de grandes propriedades na década de 130 a. C.<sup>35</sup> Tibério, contudo, era um forte orador que contava uma história ressoante. Mesmo que a história que ele contava não fosse verdade, parecia ser verdade. Foi o suficiente para ser eleito.

Uma vez eleito, começou a trabalhar numa proposta de reforma agrária. Inspirado, ao que sabemos, por slogans e apelos escritos pelos seus apoiantes nos muros de toda a cidade, fez um discurso inflamado em que lamentou o empobrecimento das pessoas de Itália e em que falou em tom dramático sobre as consequências de os trabalhadores das quintas serem sobretudo escravos.<sup>36</sup>

Apesar do que ele dizia estar em jogo, Tibério propôs uma reforma moderada. Quem violasse uma lei antiga que limitava os arrendatários a cento e quarenta hectares de terra pública teria de abdicar de toda a terra que estivesse acima desse limite, em troca de uma compensação justa. A terra pública recuperada seria depois redistribuída por cidadãos romanos.<sup>37</sup> A lei abrangia apenas determinadas partes de Itália e, no máximo, iria permitir talvez que quinze mil famílias voltassem a instalar-se, entre uma população de vários milhões.<sup>38</sup>

A moderação das propostas revela o verdadeiro objetivo de Tibério. Ele não pretendia visar de um modo abrangente as condições que conduziram teoricamente ao declínio dos pequenos agricultores cidadãos de Roma. Ele queria dar voz à raiva que as pessoas sentiam de uma ordem romana que parecia recompensar a ganância dos ricos e ignorar as necessidades dos seus outros cidadãos.

Quando Octávio, outro tribuno dos plebeus, bloqueou uma votação da sua lei, Tibério reagiu com fúria. Mobilizando os seus apoiantes, «retirou a sua lei conciliatória e introduziu uma que era mais gratificante para as pessoas e mais dura para os proprietários ilegais de terra», obrigando-os a «desocupar a terra» e oferecendo-lhes «nenhuma compensação»<sup>39</sup>. Tibério salientou que Octávio, enquanto detentor de grandes extensões de terra pública, tinha uma motivação clara para se opor à reforma. Então, com o talento de um demagogo, Tibério ofereceu-se para pagar, com o seu próprio dinheiro, as propriedades que Octávio perdesse.<sup>40</sup> Dado que Octávio não recuou, Tibério encenou uma votação pública para

destituir Octávio. O recém-deposto Octávio escapou por pouco a uma multidão enfurecida de apoiantes de Tibério.<sup>41</sup>

O afastamento de Octávio permitiu que a lei de Tibério passasse, mas a um preço significativo. Não só a deposição de Octávio decorreu entre ameaças de violência popular, como Tibério «ab-rogara o poder de um colega que interviera» contra uma lei a que se opunha.<sup>42</sup> Uma vez que Octávio se opusera ao efeito da lei sobre alguns donos de terras, o seu silenciamento enfraqueceu o poder dos tribunos de ajudar cidadãos sujeitos a coerção por parte de magistrados ou a leis onerosas.<sup>43</sup>

A destituição de Octávio abriu um precedente para futuras violações constitucionais por parte de Tibério. A reforma agrária só poderia ser implementada se o Senado fornecesse fundos para inspetores e materiais para os novos agricultores.<sup>44</sup> Quando o Senado recusou o financiamento, Tibério voltou-se novamente para os seus apaixonados apoiantes em busca de uma solução. Átalo III, rei de Pérgamo, morrera recentemente, deixando o seu reino e o seu tesouro ao «povo de Roma». Tibério organizou uma votação para que fosse autorizado o uso do tesouro de Pérgamo para financiar a sua entrega de terras.<sup>45</sup> Esta usurpação da autoridade tradicional do Senado sobre a política externa e os assuntos orçamentais deixou os senadores bastante nervosos.<sup>46</sup>

Os adversários de Tibério no Senado culparam-no de desencadear duas novas e destrutivas formas de declínio político. As decisões de Tibério de quebrar as normas da vida política romana provocaram em Roma uma grave crise constitucional.<sup>47</sup> Mas as multidões de apoiantes furiosos que Tibério liderava pela cidade alarmavam ainda mais os senadores.<sup>48</sup> Tibério nunca ordenou nem aprovou a violência, mas era frequente ameaçar implicitamente com ela. Esta atitude sugeria uma alarmante deterioração das condições numa República que não via este tipo de violência política havia séculos.

Este nervosismo relativamente à trajetória da vida romana só cresceu quando Tibério fez campanha para ser reeleito como tribuno.<sup>49</sup> Com o aproximar do dia da votação, disse aos apoiantes que temia que «os seus inimigos entrassem em sua casa à noite e o matassem»<sup>50</sup>. Então, muitos deles acamparam à porta de sua casa para proteger o seu defensor. Neste ambiente tenso, talvez não tenha sido surpresa para ninguém quando apoiantes e opositores de Tibério começaram a lutar pouco depois do início da votação. Receando que Tibério pudesse usar esta violência como ferramenta para tomar o poder sobre o Estado, o seu primo, o pontífice supremo Cipião Násica, conduziu um grupo de senadores e assistentes desde o Senado até onde Tibério se encontrava. Entraram na multidão e começaram a atacar os membros da comitiva de Tibério, que não foram suficientemente rápidos a fugir. No meio da confusão, Tibério foi agarrado pela toga, puxado até ao chão e agredido com tacos até à morte. Foi um dos cerca de duzentos ou trezentos romanos mortos.<sup>51</sup>

Os romanos perceberam que a sua República mudou de modo irreversível nesse dia. O biógrafo Plutarco escreveria séculos mais tarde que aquele foi o «primeiro surto de revolta em Roma que acabou em derramamento de sangue e na morte de cidadãos desde a expulsão dos reis», em 509 a. C.<sup>52</sup> A única questão era que tipo de declínio causara o dano. Os apoiantes de Tibério «não tentaram esconder o ódio por Násica» e chamaram-lhe «um homem amaldiçoado e tirano que profanara com o assassinio de uma pessoa sagrada o mais santo e assombroso dos santuários da cidade»<sup>53</sup>.

Outros romanos idolatraram Násica como defensor da República. Ao escrever após o período correspondente a uma vida depois dos acontecimentos de 133 a. C., Cícero via Násica como um patriota romano que agira heroicamente para salvar uma cidade desestabilizada pelas violações constitucionais de Tibério Graco, um tribuno demasiado ambicioso que «dividiu um povo em duas

fações». O heroísmo dos assassinos de Tibério, escreveu Cícero, «encheu o mundo inteiro com o prestígio dos seus nomes»<sup>54</sup>.

A análise mais ponderada do historiador Apiano, do século II da nossa era, culpa ambos os lados de desencadear a violência que, para ele, era um caso genuíno de declínio romano. Tibério, escreveu Apiano, foi «o primeiro a morrer na luta civil» e uma figura cuja morte polarizou a cidade entre homens que o choravam e outros que viam nele o cumprimento das suas esperanças mais íntimas.<sup>55</sup> Apiano referiu que Tibério «foi morto na capital quando ainda era tribuno, por causa de um excelente objetivo que perseguiu de forma violenta»<sup>56</sup>. Roma «já não era uma República», mas um Estado governado pela «lei da força e da violência»<sup>57</sup>.

Esta análise agourenta apontava já para como seria a vida de Roma no século seguinte. Com a vantagem de poder olhar para trás, Plutarco, Cícero e Apiano reconheceram que a trajetória da vida romana mudara em 133 a. C. Embora cada um deles tenha atribuído a culpa a uma parte diferente, todos perceberam que, depois de a violência entrar na vida política, torna-se extremamente difícil de erradicar. O declínio da República existira antes sobretudo na retórica dos políticos. Agora parecia muito real.